

HISTÓRIA E MEMÓRIA: *DES-COBRIMENTOS*

*Nancy Alessio Magalhães**

Nestes limiares e desafios dos anos 2000, nada existe de conspiratório em comemorar 500 anos do Brasil, do ponto de vista dos colonizadores e da etnia branca que os integra, pois isto faz parte dos campos de disputa entre memória e identidade, entre projetos de organização da sociedade. Mas **o que** se silencia, **o que** se relega ao esquecimento, **o que** se escolhe para guardar ou registrar, **como, com quem e para quem** se produzem e se preservam as diferentes memórias individuais e sociais é um processo mediado por relações de poder, sejam estas formalizadas institucionalmente ou não (Magalhães, 1996).

O problema é que nem podem ser omitidos os próprios agentes e interesses sociais que possibilitam a existência desses espaços simbólicos de comemoração, como também isso não pode significar o monopólio dos debates sobre o tema.

Trata-se, portanto, de refletir sobre as relações dessas criações do Brasil, da América Latina com outras modalidades de memória e identidade e, em decorrência, sobre os riscos de sua exclusividade, como tendência ao monopólio da memória e da história por setores que também já monopolizam vários campos da experiência humana na vida social.

Está claro que não cabe substituir uma versão por outras, muito menos valorizar e/ou buscar a que seria, pretensamente, mais verdadeira. O que urge, portanto, é democratizar um pouco mais a discussão, é evocar infinitamente outras historicidades, poderes e saberes menos visíveis, porque distantes desse exercício dos saberes dominantes.

* Professora e membro do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro-Oeste (NECOIM), CEAM.

Neste ponto, é interessante recorrer a Foucault (1988), que ao longo de sua obra investigou procedimentos de poder usados para controle do corpo, dos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos, que incitam produtividades (e não só repressão, exclusão, recalque, censura, mascaramento). Em vários e diferentes pontos e níveis da rede social são exercidos poderes moleculares, capilares, esparramados, que podem se transformar, ligados ou não às mudanças no aparelho do Estado. Este, como nível mais geral do poder constituído, exerce um controle que não é suficiente para fazer desaparecer ou transformar essa rede de poderes enraizada numa sociedade.

O poder se exerce e se disputa, é relacional, existe em práticas: é luta, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui como uma mercadoria. Tem positividade, produz objetos e rituais.

Foucault também situou a arqueologia como uma história dos saberes. Na investigação dos saberes, pretendia explicar como eles se transformam, considerando-os como materialidades, práticas e acontecimentos, elementos de um dispositivo de natureza estratégica, isto é, de um dispositivo político, remetendo-os a relações de poder que os constituem.

Nos saberes dominados acentua os que ficaram sem vida, sepultados, mascarados por lutas e confrontos, que a crítica faz reaparecer pela erudição. Nesse âmbito, também considera dominados os saberes desqualificados como incompetentes, inferiores, abaixo do nível requerido de conhecimento ou cientificidade. Não é uma recusa a métodos, conteúdos e conceitos de uma ciência; mas sim uma oposição aos poderes centralizadores da instituição e do funcionamento do discurso científico. A crítica se efetua através de um “*retorno de saberes*” e essas duas formas de saberes dominados – eruditos e das pessoas – são acopladas e, assim, *re-des-cobertas* as lutas e memórias dessas lutas.

É nesta perspectiva que desejo realçar o caráter educativo que pode assumir uma pesquisa, na universidade, quando a ela se articula a dimensão de extensão de conhecimentos, numa alternativa de produção de saberes, de aprendizado mútuo entre professores, alunos, técnicos e grupos da sociedade. Nessa alternativa aquele “*retorno de saberes*” se faz crítico quando se luta para construir, na prática, uma relação transformadora, oportuna e estratégica entre esses agentes sociais, no sentido de tornar visíveis, *des-cobrir*, saberes e poderes *cobertos* por

interpretações de si, dos outros, pelas escolhas, sempre sociais, do que é representativo para si e para o grupo.

Assim, o que está *coberto* nesses espaços comemorativos, pelo endosso dos poderes dominantes centralizadores, pode ser *des-coberto* através, entre outros, de processos de pesquisa e extensão, em que se assume um caráter de construção dialógica nunca definitiva, sempre inacabada, entre pesquisados-pesquisadores, como é nosso caso, em que projetos prévios são redesenhados e reescritos a partir desse diálogo entre esses diferentes atores da sociedade, o que os transforma e os evidencia também como diferentes pensadores.

Nesta direção, temos experimentado os recursos da história oral, do registro fotográfico e em vídeo como opções metodológicas de acesso às narrativas orais, corporais e faciais e às múltiplas dimensões do cotidiano de grupos sociais excluídos, construtores de Brasília, nem sempre assim considerados na cena histórica, oral, visual e escrita, nas versões correntes e estabelecidas da história desta cidade (Magalhães, Nunes, Paiva-Chaves e Sinoti).

Imaginada como emblema da modernidade – por isso mesmo tombada como patrimônio cultural da humanidade – Brasília, desde sua criação, foi pensada exclusivamente em termos de funcionalidade administrativa como capital federal, dentro dos princípios da arquitetura modernista.

Entretanto, Brasília tem atraído, desde aí, permanentemente, migrantes de várias partes do Brasil, talvez, também do mundo, em busca de garantia de sobrevivência e de melhoria de qualidade de vida, o que não foi previsto nas idéias e concepções para a cidade, tanto anteriores ao Governo JK, como nos planos regidos pelo edital de 1956 para o concurso do Plano Piloto.

Deste modo, com suas caminhadas, sonhos, poderes, grupos oprimidos de migrantes desordenam, de certa forma, planos e projetos e forjam outras relações sociais, estabelecendo outros espaços aí absolutamente não previstos. O lugar da nova capital recebe as marcas desses homens e mulheres e, também neles, deixa marcas.

Aquele discurso fundador sobre Brasília também a coloca como surgindo do nada, de espaços vazios e inabitados. Depoimentos de moradores da Vila Planalto, com os quais temos trabalhado desde 1992, de alguma forma, endossam terem erguido Brasília onde nada existia, estimulados pelos desafios da aventura e para se legitimarem e se incluírem na história de feitos pela construção desta cidade, na sua epopéia.

A ênfase de Benjamin (1987) nas importâncias do narrador, do sonho, da aura, da imagem inclui a palavra: a palavra **revela e oculta**. Se, atentos a isto, fomos buscar o significado de revelação, qual seja, o processo de tornar visível uma imagem latente, podemos sustentar que a palavra, o objeto, a imagem visual, o texto, enfim, **velam e revelam**. Através de uma investigação minuciosa podemos reconstruir narrativas, quando consideramos esses suportes como referências de práticas sociais e de produção de memórias de diferentes grupos, onde há disputas e relações de poder. Nesta perspectiva, a memória garante a capacidade de projeção, a diferença, o sonho, a temporalidade, como dimensão central de identidades múltiplas e sempre em elaboração.

Entre outros, diz o Sr. Gabriel Balbino Nogueira, eletricitista e apontador, já falecido, entrevistado em vídeo por José Walter Nunes e Marta Litwinczik Sinoti, em 1993:

“Eu cheguei em grupo, inclusive nós pegamos um avião... Pegamos o avião no aeroporto da Pampulha, descemos em Anápolis, ficamos um bocado de dias em Anápolis. De Anápolis pra cá nós gastamos 12 horas de viagem, não tinha estradas aqui em Brasília, não tinha nada. Só tinha ema, lobo, mutum, cobra, não tinha nada, só ema e cerrado. Só existia o cerrado e o céu, o céu azul e mais nada!”

Essa versão também, de certo modo, produz *des-cobrimentos* de outras. Ao prosseguirmos em nossos trabalhos de pesquisa e extensão no Paranoá, por solicitação de grupos deste núcleo urbano, formado a partir de acampamento de obras para a construção da Barragem do Lago de mesmo nome, outras pistas são *des-cobertas* para o conhecimento de outras interpretações da história da região de Brasília e do Brasil.

Nesta localidade houve e há uma interação entre famílias de operários migrantes e famílias goianas, nativas da região, habitantes dos antigos municípios de Planaltina e Luziânia. Começamos a elucidar como se deu a articulação entre essa modernidade e o modo de vida tradicional de trabalhadores e goianos, pois, à medida que fomos realizando essas entrevistas no Paranoá, verificamos que, para muitos, era mais importante ressaltar que as relações com os goianos também fazem parte da experiência da construção civil e do acampamento, bem como entre seus descendentes estabeleceram-se laços de compadrio, vizinhança, conflitos, solidariedade e amizade que singularizaram e singularizam o Paranoá de outros contextos de Brasília (Magalhães, Sinoti, et alii, 1998).

É, assim, que o Sr. Galego (Sebastião Bezerra da Silva), ex-operário e agricultor, entrevistado por mim em vídeo, em 1997, expressa em palavras como se dá seu relacionamento com os goianos:

“Ei, passei a conhecer os goianos, porque a gente sempre era solteiro né, a gente trabalhava aí, naquele tempo aí, num sei, num existia uma mulher, um cachorro. Era só os homens trabalhando né? Daí nos domingo, algum domingo que a gente tinha folga, a gente tinha aquela vontade de sair pra chácara, era aquela paixão danada, sair, só ficava naquele barulho de máquina né, aí começava a sair. Os primeiros mais perto era esse velho Sebastião ... Chegava lá, encontrava com ele, conversando devagarinho com ele, né, até ir acostumando com a gente devagar também né, que naquele tempo eles tinham cisma desse povão, né? Ele ia acostumando com aquela calma, que ele tinha aqui quando Brasília estourou e trouxe a gente de toda parte ...”

Por outro lado, a fala do Sr. Sebastião de Souza e Silva, nascido em 1910, também já falecido e por mim entrevistado em vídeo em 1997, faz-nos *des-cobrir* a antigüidade imemorial de suas terras como a importância que ele atribui a Brasília para essa região:

“A terra era tudo do meu pai...Esse home, é, era irmão dos meus avô, esse que foi registrar essa terra lá em Goiás Velho, isso eu acho que eu não era nem nascido ... Mas nesse tempo acho que Luziânia não tinha, eu acho que não tinha cartório suficiente, foi. É porque Goiás já era mesmo a capital de Goiás ... Foi um tempo muito antigo [estala os dedos] ... A irmandade, que é dono dessa terra aqui, era doze home, um deles foi lá em Goiás Velho, registrar essa fazenda toda aqui, essa daqui ainda vai, pro lado do Sobradinho, de São Bartolomeu, a fazenda é muito grande, acho que vai até perto dessa fronteira aí da Papuda e tudo ela ia, mais foi debuiando, assim como quem debuia uma espiga de milho, foi, um tirava um pedacinho daqui, outro tirava dacolá, tirava mais outro pedacinho, enteirava a dele e por aí foi diminuindo, diminuindo, a fazenda Paranoá era muito grande. ... Brasília foi bom que adiantou o país aqui pro lado de cá. ...”

Arendt (1988) acentua que, diante dos dramas e desafios contemporâneos, em que processos invisíveis cobriram tudo, engolfaram todas as coisas, estão na ordem do dia os ensinamentos de Heródoto acerca da íntima articulação entre *dizer* e *escrever*. Porque eles apontam modos de se estabilizar o fútil, o perecível e que produtos, resultados e problemas, não podem ser considerados como possuidores de uma existência independente de experiências de seres humanos. A vida e feitos humanos precisam ser *des-velados* no que contêm de grandeza, para receber uma permanência estritamente humana e terrena nesse mundo.

São expressivos, a respeito, os diálogos musicais entre o norte-americano Ry Cooder, seu filho Joachim e os veteranos cubanos Ibrahim

Ferrer, Rubén González, Eliades Uchoa, Omara Portuando, Company Segundo, entre outros, registrados no filme *Buena Vista Social Club* (Wenders, 1999). Assim como, também neste mesmo filme, depoimentos de alguns dos músicos, quando de sua estadia em Nova York, sobre a beleza desta cidade e como eles gostariam que seus filhos tivessem a oportunidade de conhecê-la. Os músicos da velha guarda da Escola de Samba da Portela, ao assistirem ao filme, no Rio de Janeiro, emocionaram-se, identificando-se com as histórias e composições de seus *hermanos* cubanos. Tudo isto nos demonstra a importância da memória, do registro da história. E que não há fronteiras, política, nem estado constituído, regime, ideologia, “guerra fria”, estrutura social que possam controlar, efetivamente, as relações processuais entre culturas diversas, sua dimensão criativa, sua grandeza como criação da humanidade.

Cada coisa carrega seu *significado* dentro de si mesma, a *palavra* torna-o *manifesto*. Daí a importância, na Grécia Antiga, tanto da exibição dos grandes feitos em público como do fluxo livre da narrativa, onde espaços são deixados para muitas histórias, embora nada indique que o geral possa conferir sentido e significado ao particular.

Sr. Gabriel, em suas avaliações após a projeção do documentário em vídeo “Cadê Brasília que construímos”, no Auditório Dois Candangos, na Universidade de Brasília, e na Vila Planalto, em 4 e 6/12/1993, frisou a importância dessa dialética *mortalidade-imortalidade, falar-registrar e des-cobrir*:

“Nós não fomos reconhecidos. Nós éramos anônimos! Éramos como papel velho, usado e jogado no lixo. Agora com esse vídeo, com esse trabalho de vocês, está espelhado, está aparecendo alguma coisa que nós fizemos aqui... Isso aí, além de tudo, deixa a gente eterno, atingir a eternidade, porque participamos da história de Brasília. Esse vídeo nos faz sentir imortais, nos faz atingir a imortalidade. Nós morremos, mas fica nossa história.”

O ato de imortalizar, assim, não pode ser encarado como em vão, para que se garanta um espaço a lições e ensinamentos que outras gerações poderão, ainda, vir a *re-colher e re-construir*.

É por tudo isto que penso que uma pesquisa e a extensão de seus resultados devem evidenciar responsabilidades, possibilidades da história, não “a própria história”; levar à reflexão crítica; colocar, permanentemente, dúvidas e indagações; e, assim, contribuir para o avanço do conhecimento, seja pelos acertos ou pelos erros, por infinitos *descobrimientos*.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 69-126.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. En-saios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Também *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- MAGALHÃES, N. A. “Marcas da terra, marcas na terra. Um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico”. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH, USP 1996, p.1, mimeo.
- MAGALHÃES, N.A (direção). *Memórias de cá e de lá-Paranoá-DF*. Documentário historiográfico em vídeo. Brasília: NECOIM – CEAM – DEX/UnB, FAP-DF, IPHAN E DePHA – SCE – GDF, 1998.
- MAGALHÃES, N. A. “Memória social de Brasília: modernidade e relações rurais e urbanas” in *História - Fronteiras. Vol. II*. Associação Nacional de História. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP/ ANPUH, 1999, p.1127-1139.
- MAGALHÃES, N. A. “Brasília do Brasil: des-cobrimentos” in *Participação*. Revista Dex/UnB. Brasília, nº 6, junho 2000, p. 13-19.
- MAGALHÃES, N. A.; NUNES, J. W. e PAIVA CHAVES, T. M. C. *Série Abrigos da memória na Vila Planalto-DF*. Documentários historiográficos em vídeo: “Cadê Brasília que construímos” e “Mãos à obra em Brasília”. Brasília: CPCE-CEAM-DEX/UNB, 1993 - 1995.
- MAGALHÃES, N. A.; NUNES, J. W. e PAIVA CHAVES, T. M. C. “Os difíceis espelhos da memória e seus abrigos-Vila Planalto-DF” in FARRET, R. L. (org.) *Anais do II Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*. Brasília: ANPUR, 1996, p. 926-933.
- MAGALHÃES, N. A.; NUNES, J. W. e PAIVA CHAVES, T. M. C. “Memória e história: diálogos entre saberes” in *Participação*. Revista Dex/UnB. Brasília, nº 2, dez. 1997, p. 36-42.

- MAGALHÃES, N. A. et alii. “Abrigos da memória em Brasília-DF”. Projeto de pesquisa e extensão. CEAM-NECO-DEX-UnB, FAP-DF. Brasília: 1995-99.
- MAGALHÃES, N. A. e NUNES, J. W. “Imagem e fala como memória e história - notas metodológicas” *IV Encontro Nacional de História Oral. Um espaço plural*. Associação Brasileira de História Oral-ABHO. Recife, 1997 (no prelo).
- MAGALHÃES, N. A; NUNES, J. W. e SINOTI, M. L. “ Del hablado, oído, escrito y visto al editado em documentales historiográficos” in *XI Conferencia Internacional de Historia Oral.*” Vol. III. IOHA-Internacional Oral History / Bogaziçi University. Istanbul, Turquia, junho 2000, p. 1143-1152.
- MAGALHÃES, N. A. e LITWINCZIK, V. “Vozes vivas ou congeladas? Tramas de lutas na história oral” VII Jornadas Historia y Fuentes Orales: memórias e identidades. Universidad Complutense de Madrid / Fundacion Cultural Santa Teresa. Ávila, Espanha, out. 2000. Publicado in MAGALHÃES, N. A. (org.) *Cadernos CEAM-NECOIM* nº 2, UnB, Brasília, 2000.
- MAGALHÃES, N.A; SINOTI, M. L. et alii. “Paranoás” Argumento do documentário historiográfico em vídeo: Memórias de cá e de lá - Paranoá- DF. Brasília, jan. 1998, mimeo.
- SINOTI, M. L. “Direito à pesquisa como direito à educação: a formação do profissional de História” in *Participação*, op. cit., dez.1997, p. 32-35.
- WENDERS, Wim. *Buena Vista Social Club*. Filme produzido por Ry Cooder. Road Movies, 1999.